

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, FEVEREIRO/2002- ANO VI - Nº 61

EDITORIAL

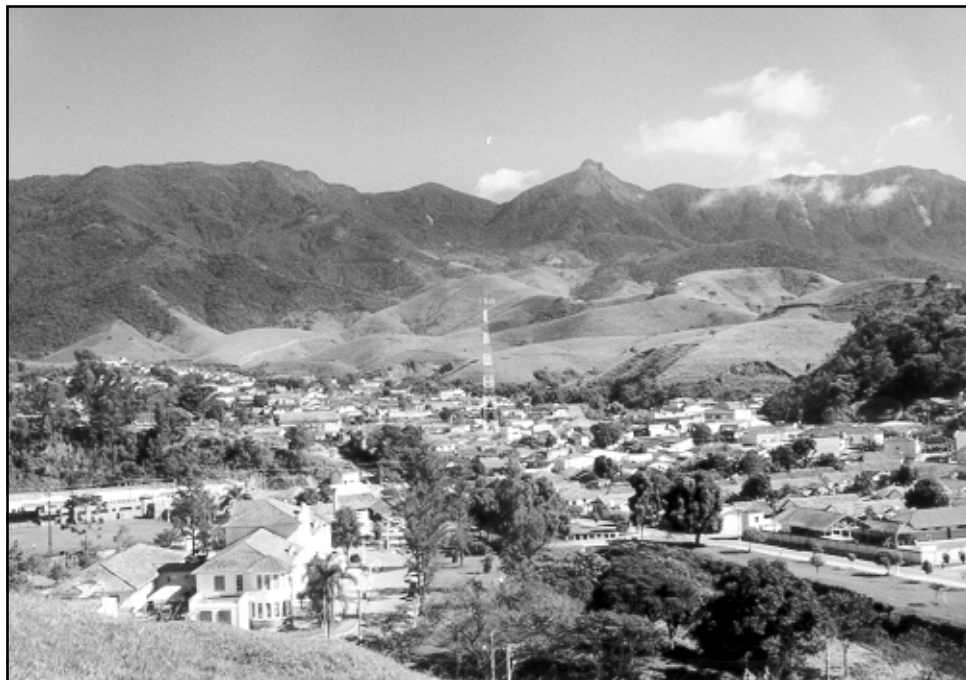
Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas, aproximadamente 50 milhões de brasileiros vivem abaixo da linha da pobreza, com renda inferior a 80 reais mensais. Esses dados vergonhosos deveriam constar em nossas autoridades e nós mesmos. É inconcebível que num país continente, com grandes extensões de terra agriculturáveis, clima generoso e povo trabalhador, crianças morram de fome ou sejam condenadas à desnutrição crônica, com comprometimento do aprendizado.

Todas as pessoas foram criadas por amor, à imagem e semelhança de Deus. Têm direito à felicidade e às condições básicas de alimentação, moradia, educação e saúde, trabalho e salário justo, lazer e segurança, que lhes permitam o desenvolvimento. No entanto, convivemos com uma grande desigualdade social e uma das piores distribuições de renda no mundo. Reverter esses fatos é um desafio que deverá ser assumido por todos, numa mobilização de combate à fome e à miséria. Essa triste realidade nacional angustia qualquer pessoa que tenha um mínimo de consciência, principalmente por sermos um país eminentemente cristão.

O modelo social que adotamos e a falta da prática do exercício da cidadania nos levam a cruzar os braços, vivendo egoisticamente cada um por si, sem pensar no coletivo. Precisamos de lideranças que fiquem à frente de um amplo mutirão, estimulando a população a participar efetivamente do processo de construção de uma nova ordem social e do aprimoramento da comunidade.

Este é um grande desafio a ser enfrentado neste novo milênio. É preciso que se respeite a dignidade das pessoas, motivando os cristãos a assumir, com responsabilidade, o papel que cabe a cada um na elaboração de uma nova sociedade. O cristão deve ser exemplo de cidadão e participar ativamente no dia a dia da comunidade.

Basta de omissão! Basta de egoísmo! O aprimoramento social e a diminuição das desigualdades passam pela conscientização individual e pelo comprometimento com ações que concorram para transformações que levarão à construção de uma comunidade solidária e fraterna. É preciso partilhar.



Vista parcial do município de Piquete. Ao fundo, na Serra da Mantiqueira, com seus 1.615m, o Pico da Meia-Lua.

Foto Francis Beckmann

Estamos perdendo a luta contra a dengue

Os meios de comunicação têm mostrado que o Brasil vem perdendo a luta contra a dengue. Para os sanitaristas brasileiros, a dengue não poderá mais ser erradicada do país, ao contrário do que as autoridades vinham anunciando desde que a doença ressurgiu no Brasil, na segunda metade dos anos 80. O máximo que se pode fazer é controlar os criadouros, dizem os especialistas, melhorar o diagnóstico e o tratamento. Estamos perdendo a batalha para o mosquito.

O número de casos de dengue registrados no Brasil em 2001 aumentou 63% em relação ao ano anterior. Em São Paulo, saltou de 15 mil, em 2000, para mais de 51 mil, no ano passado. Nos estados onde a ação preventiva é eficaz a tendência se inverte.

No verão, período de chuvas, aumenta a presença do mosquito "*Aedes aegypti*". Originário da África, o "*Aedes aegypti*" foi introduzido no continente americano durante a colonização. Atualmente, é encontrado em quase todo o território nacional.

Apesar de Piquete não apresentar nenhum caso de dengue, é necessário que a população se una para manter o município livre do mosquito vetor.

A dengue é uma doença febril aguda, causada por vírus e transmitida às pessoas por meio da picada desse mosquito. A doença manifesta-se por febre, dor de cabeça, dor nos olhos, nas articulações e nos músculos, náuseas, vômitos e manchas avermelhadas na pele; na sua forma mais grave, dengue hemorrágico,

os sintomas iniciais rapidamente se modificam para manifestações hemorrágicas e/ou derrames internos, que podem levar ao choque e à morte.

A dispersão do mosquito é muito rápida e, conseqüentemente, da doença, constituindo, hoje, um grave problema de saúde pública em todo o mundo.

O mosquito apresenta características específicas: é pequeno, escuro, rajado de branco, tem hábitos diurnos, gosta de locais urbanos e água parada e limpa.

Para a prevenção é necessário manter sempre tapados poços, tambores, caixas de água, cisternas e outros depósitos de água.

Não deixe acumular água em pratos de vasos de plantas e xaxins. Se possível, coloque areia grossa nos pratos e, ao lavá-los, passe pano ou esponja para eliminar completamente os ovos do mosquito. Lave os bebedouros de aves e animais com pano ou esponja e troque a água diariamente. Garrafas vazias devem ser guardadas de boca para baixo. Nas piscinas, a água deve estar sempre tratada. Copos descartáveis, tampinhas de garrafas, latas, pneus e tudo que acumula água devem ser jogados no lixo.

Como não existem medidas específicas para o tratamento da dengue, nem vacinas, as medidas preventivas baseiam-se no controle do mosquito e na vigilância de casos suspeitos.

A população tem sua parcela de responsabilidade no combate ao mosquito. As ações para combater e controlar o "*Aedes aegypti*" dependem de todos nós. Não vamos perder esta luta!

Imagem - Memória



"Jazz Band da FPV". Da esquerda para a direita: Joaquim Aquino, Joaquim Augusto, Pedro Galli, José Maria, Rosmindo, José Divino, Benedito Chaves, José Ribeiro, Augusto Ribeiro, Henrique Maziero e Luiz de Barros. Foto da década de 40.

O Jazz Band da FPV

No final dos anos 30, a direção da Fábrica de Pólvoras de Piquete resolveu criar uma banda de música. Até então, os seus desfiles cívico-militares eram abrilhantados por bandas de fora. A cidade, por essa época, contava com a tradicional Corporação Musical Euterpe Piquetense, com número reduzido de músicos. Em 1938, a Euterpe foi desativada e seu arquivo instrumental, móveis e utensílios emprestados à Fábrica. A grande maioria de seus componentes eram servidores daquele estabelecimento e passaram a compor a nova banda: a Banda da Fábrica de Piquete. Houve contratação de músicos de fora e, a partir daí, o município passou a contar com uma grande banda que foi considerada uma das maiores e melhores da região.

Por essa época, Piquete sofreu um surto de desenvolvimento. Patrocinado pela Fábrica, construíram-se vilas operárias, Escola Industrial, clubes sociais para operários e militares. A vida musical da cidade tomou novo alento e evoluiu sobremaneira. Em consequência da 2ª Guerra Mundial houve um aumento da produção fabril, contratação de novos operários e aqui se estabeleceu um contingente militar para guarnecer a Fábrica. Houve considerável crescimento da população. As atividades culturais floresceram e a banda passou a ser cada vez mais solicitada para abrilhantar

diferentes eventos. Surgiam inúmeros pedidos de apresentação de seus músicos em bailes e festas. Foram criados, então, com componentes da banda, dois "Jazz Band", ambos com músicos da melhor qualidade, apaixonados por esta arte. Ensaíavam num amplo salão destinado à banda, atrás do antigo contingente. O Jazz Band destacava-se pelo repertório variado e o profissionalismo de seus músicos. Além do tradicional repertório jazzístico, estavam sempre atualizados com novas músicas – o intercâmbio entre militares de Piquete com os Estados Unidos proporcionava a vinda de partituras de grandes compositores norte-americanos. Todas as quintas-feiras e fins de semana, um dos Jazz Band se apresentava no Cassino dos Oficiais da Vila da Estrela, que sempre contava com hóspedes e parentes de militares que para aqui vinham, do Rio de Janeiro, passar temporadas.

O sucesso das tocatas era tanto que extrapolou fronteiras: passaram a se apresentar em cidades do Vale do Paraíba, Rio de Janeiro e Sul de Minas. Em Piquete, um baile seria sinônimo de sucesso se no convite viesse gravada a apresentação de um dos Jazz Band da FPV. Assim foram os anos 40 e 50. O Jazz Band deixou indelével na memória de todos que puderam dançar ao som de seus excelentes músicos as melhores recordações.

Entre os músicos, destacamos o banjoísta Joaquim Augusto, figura emblemática, multifacetada, que participou ativamente de diferentes momentos dessa história. Com bom humor e memória invejável, era um grande contador de "causos". Narrava, com lucidez e detalhes, peripécias ocorridas com nossos músicos. Contou-nos, recentemente, esses fatos, e lembrou-se de seus companheiros de tocata que, segundo ele, eram todos, sem exceção, excelentes músicos: os maestros João Evangelista e José de Castro Ferreira, seu compadre Henrique Maziero, Luiz de Barros, Laércio Azevedo, Portela, Benedito Chaves, Antônio Vianna, Pedro Galli, os irmãos Motta e outros.

Devemos ao Joaquim Augusto, recentemente falecido, estas memórias.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

Ana Maria de Gouvêa

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem:

1.000 exemplares

Impressão

Gráfica e Editora HL2 - Tel: (12) 552-8388

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

“Seu” Colombo

Neto de imigrantes da cidade de Treviso – Itália, o Sr. Guilherme Colombo (01-10-1914), natural de Mogi Mirim, conheceu Piquete em 1936, período em que trabalhava na construção da rodovia federal Lorena – Itajubá. Vinha a cidade buscar explosivos para abrir o caminho entre as montanhas.

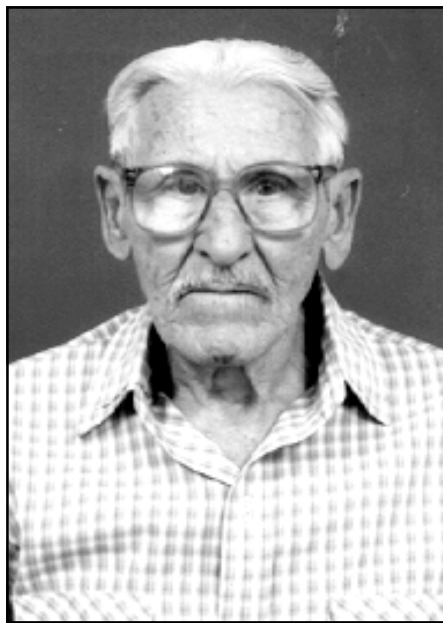
Nessa época, a Rua Capitão José de Brito servia como estrada, ligando Lorena a Itajubá e possuía apenas 2 casas, uma do Sr. José Geraldo e a outra, do “Barão” (parente do Sr. José Seraphim).

Chegou definitivamente a Piquete em 1942, acompanhado de sua Maria José Soares e seu primogênito Antônio Alberto. Veio à procura das oportunidades de emprego oferecido pela FPV. Começou na Fábrica, no setor de transportes, e passou pelo refeitório, cassino e 4º Grupo. Estabeleceu-se na cidade e fixou residência na Rua Capitão José de Brito, onde, alguns anos depois, adquiriu sua casa por meio da quitação de uma hipoteca em poder do Sr. Christiano Alves da Rosa. Ali nasceram mais 5 filhos: Ivan, Celso, Laura, José Guilherme e Paulo Roberto.

A rua Cap. José de Brito já nessa época (1942) possuía casas até a altura do “Bar Triângulo”. Por ela transitava a jardineira do Malerba, além de carros-de-boi, cavaleiros, tropas e boiadas vindas do sul de Minas. Lembra que, volta e meia, um animal dessas boiadas invadia alguma casa, trazendo reboliço à Vila.

As ruas não eram calçadas, mas havia luz (Rede Elétrica Piquete-Itajubá) e água à noite, vindas da FPV. Recorda que a rua já foi ponto de intenso comércio: 2 cabarés, a Padaria do Jorge Gonçalves, o Açougue do Gordo e o Armazém do Mazagão.

Trabalhou na FPV de 1942 a 1971, quando se aposentou. Deve a educação de seus filhos à FPV, que lhes proporcionava ensino de 1ª qualidade. Além disso, havia também o lazer oferecido por meio das sessões de cinema, festas fartas e cheias de brilho, apresentação de bandas de música e jogos disputadíssimos no Campo do Estrela. Lembra que o hospital era o melhor da região e atendia pacientes de várias localidades, para tratamento.



Na cidade não havia desemprego nem miséria, e a extrema pobreza se restringia à zona rural.

Em 1964, participou da construção da nova Igreja de São Benedito, iniciada em 1963 por Benedito Caetano, no lugar em que até então havia uma Capela dedicada ao santo. Naquele ano, ao lado do Sr. Benedito Wagner Ribeiro, promoveu a festa de São Benedito, que rendeu mais dinheiro que a festa do padroeiro. Este feito surpreendeu o então pároco, Padre Pedro Verdumen. Com o dinheiro arrecadado concluiu a igreja.

“Seu” Colombo acredita que o formato atual da igreja não corresponde ao projeto original, modificado por pressão popular.

De 1984 a 1989 esteve na presidência da Sociedade Beneficente da FPV.

Há 60 morando em nossa cidade, sente-se piquetense de coração, mas tem saudades dessa Piquete que relata. Segundo ele, era muito melhor àquela época. Não perde, no entanto, as esperanças de vê-la retomar o brilho de antigamente.

Em frente à Igreja de São Benedito, de cuja construção Guilherme Colombo participou, apresentação de grupo de Moçambique de Lorena. Foto de junho de 2001.



O estereótipo e a Campanha da Fraternidade

*A Fraternidade e os povos indígenas:
por uma terra sem males*

A proposta da Campanha da Fraternidade 2002, invocada pelo alerta do Concílio Vaticano II, coloca em ênfase a vasta necessidade da solidariedade, justiça e partilha entre os irmãos. O foco principal está posicionado nos povos indígenas.

No compromisso da evangelização, a Igreja, direcionada pela CNBB, em referenciamento aos 500 anos da história da colonização, propõe o desafio da igualdade perante Cristo como irmão de todos. Sendo Cristo nosso irmão, somos, portanto, irmãos dele, e entre nós. Daí a idéia da fraternidade. Ora, sermos irmãos é termos os mesmos liames e compromissos baseados em idéias, propostas e finalidades. Estampamos diferenças, sejam elas genéticas, étnicas, culturais e comportamentais. Somos regidos por códigos impostos ou transmitidos pelos costumes, práticas e experiências. Entendermo-nos como membros de uma comunidade implica aceitarmos regras básicas, que se consolidam pela autenticidade reconhecida.

Nas relações interpessoais criam-se hábitos, cultivam-se atitudes e, da mesma maneira que os apelidos familiares, estabelecem-se laços de conexões: o social se mostra, quer pelos conteúdos éticos, quer pelos costumeiros. Nas relações entre grupos culturais diversificados criam-se processos de imposição-submissão impregnados pela força e pelo espelhamento. O colonizador impõe-se aos colonizados. O branco, aos diferentes. Estas posições são frutos das doutrinas imperiais vigentes na Europa dos séculos do Mercantilismo e expansão do Capitalismo.

Daí a presença do ato de estereotipar, ou seja, reproduzir fielmente um modelo. O termo vem da tipografia, na maneira de imprimir uma chapa – matriz em modelagem duplicada. O estereótipo social é o que reproduz o modelo dado como imagem dominante. Ao colonizador interessa o produto e os meios em obtê-lo. Impor o modelo é sua principal arma. Sobrepor-se. Impor-se. Anular normas antigas e criar outras, para atuar reprodutivamente. Ao submisso a aceitação. Aos naturais da terra conquistada a submissão ou a destruição total. Criam-se os estereótipos. Aos indígenas, e depois aos negros, como escravos, o domínio do modelo único a ser reproduzido e incorporado. Inferiores, portanto, a submeter. Hoje, a Igreja procura enxergar que, acima da estereotipia, deve estar, em nome da fraternidade anunciada, o resgate da irmanação, em nome da qual Cristo se humanizou e, na obra redentora, resgatou do pecado do inconformismo.

É importante recensear?

O Censo, como caráter demonstrativo regional, deve ser visto como razão de diagnóstico e de proposta de ação conjunta em cada município.

De que maneira definem-se populacionalmente as cidades valeparaibanas do Cone Leste Paulista e, particularmente, Piquete?

A Folha de São Paulo com data de 22 de dezembro de 2000 estampou índices preliminares obtidos pelo Censo 2000 (referência de 1º de agosto de 2000), no Vale do Paraíba paulista e litoral norte.

A conclusão em destaque do IBGE é a de que as cidades turísticas foram as que mais cresceram. Este é, particularmente, o caso de Ilhabela, seguida por São Sebastião e Campos do Jordão.

Define-se, assim, a vocação principal na atualidade dessa região do Estado: o turismo. Entretanto, a articulista free-lance, Roberta Medeiros, salienta que o crescimento desordenado traz problemas. Como exemplos, são citados por ela os casos de São Sebastião, Ilhabela, Caraguatatuba e Ubatuba, além de Campos do Jordão, prejudicadas por problemas básicos de estrutura urbana. Entre as causas desses problemas estão: o déficit habitacional, o alto índice de desemprego, o aumento da ocupação irregular do solo, a violência, o insuficiente atendimento aos setores de infra-estrutura e de saneamento básico.

Pela ordem decrescente dos dados publicados, as três maiores cidades em números de população absoluta são: São José dos Campos, Taubaté e Jacareí, mas as diferenças numéricas são marcantes.

São José contava, na data do recenseamento 2000, com 538.909 habitantes, enquanto as outras duas, respectivamente, com 244.107 e 191.358. Em seguida, outras duas ultrapassaram o número dos 100 mil. Pindamonhangaba, com 125.722 e Guaratinguetá, com 104.022.

Depois, pela ordem decrescente, colocavam-se Caraguatatuba, Lorena,

Caçapava, Cruzeiro, Ubatuba, São Sebastião, Campos do Jordão e Santa Isabel, cujos números estavam entre 78.836 e 43.473. A partir daí podemos considerar cidades médias as que apresentaram números entre 34.834 (Aparecida) e 10.355 (São Bento do Sapucaí). Piquete colocava-se entre essas em 8ª posição, com 15.178 habitantes, com 7.417 homens e 7.761 mulheres e uma população urbana de 14.187 para 991 de população rural. A taxa de crescimento registrada entre 1996/2000 foi de 0,13. Particularmente, Lorena foi a cidade que acusou maior número de população feminina entre as cidades do Cone Leste Paulista.

As três maiores cidades do Vale estão relacionadas ao pólo industrial instituído na segunda metade do século passado e entre elas a que mais cresceu foi Jacareí, com uma taxa registrada de crescimento, entre 1996 e 2000, de 3,35%. Aqui estão referidos os dados conjugados do crescimento vegetativo populacional e dos migrados. Assim, crescendo acima da média do Estado de São Paulo, Jacareí acompanhou-se, igualmente, de destacada elevação dos índices de violência, o que também não deixa de ser verdade para a nossa vizinha Lorena. O problema dos crescimentos acelerados, como já foi no caso de São José dos Campos, é a dificuldade das Prefeituras em elaborar políticas e recursos para atender às novas demandas.

Habitado inicialmente por grupos indígenas, o Vale do Paraíba foi povoado pelos buscadores de ouro a partir das primeiras ocupações em Taubaté, Jacareí e Pindamonhangaba e no porto de Paraty. Liga-se à denominada epopéia dos bandeirantes. Desde cedo formaram-se povoados geradores de vilas, que se tornaram cidades. No final do século XVII, três vilas estavam formadas: Taubaté, Jacareí e Guaratinguetá; dois povoados: Pindamonhangaba e Tremembé, e dois aldeamentos: Nossa Senhora da Escada (Guararema) e São José (São José dos

Campos da Paraíba). Ao longo dos caminhos outros povoados nasciam. Foi assim que do caminho das tropas surgiu o povoamento que deu origem a Piquete.

Pelo atual recenseamento, entre todas as cidades, as de maiores taxas de crescimento em ordem decrescente, estão Ilhabela, com 12, 18%, São Sebastião, com 7,19%, Campos do Jordão, com 5,27%, Ubatuba, com 4,82%, Paraibuna, com 4,63% e Canas, com 4,29%. É interessante analisar as razões desse índices. Entre elas, as de maior destaque estão ligadas ao turismo. As demais estão com índices inferiores a 4,0%. Nesta ordem decrescente, os últimos estão abaixo de 1,0%: Areias, 0,94, Natividade da Serra, 0,66, Silveiras, 0,62, Cruzeiro e São Luiz do Paraitinga, 0,45, Aparecida, 0,37, São José do Barreiro, 0,23 e Piquete, 0,13%.

Notemos que Piquete foi a cidade que menor crescimento registrou. Constitui a última posição em relação às 37 que cresceram relativamente ao total das 39 cidades do setor paulista do Vale. Deste total de 39, apenas duas apresentaram crescimento negativo: Lagoinha, com -0,71% e, principalmente, Santa Branca, com -10,21%. Segundo o IBGE, este município teve queda de população de 35%, pois o número de habitantes da cidade caiu de 20.047 para 13.031, de 1996 a 2000. A cidade esvaziava-se por falta de oportunidade de trabalho e de perspectivas para os jovens. A tendência é ir para o município vizinho, Jacareí, centro mais dinâmico. Representa um novo capítulo na história dos deslocamentos populacionais entre as cidades valeparaibanas, na definição de pólos de atração. Nesse particular, valeria um estudo especial o caso de Piquete: a municipalidade e a edilidade poderiam propor planos de estruturação e de atendimento às necessidades básicas. E a partir daí procurar os recursos para o atendimento a esses fins. Mas o povo precisa colaborar.

O que nos revelam esses dados?

Que observações podem daí ser deduzidas?

Cunha, que possui o mais extenso território municipal da região valeparaibana paulista e de todo o estado de São Paulo, tem a maior parte de sua população na área rural, com 11.952, enquanto que a área urbana soma 11.110 para um total de 23.052.

O turismo é o seu ponto forte.

Um esforço conjugado no sentido da valorização do turismo trouxe para a cidade um novo alento e a paisagem urbana passou a mostrar uma feição mais interessante. Claro que a motivação de todos tem ajudado muito, além da atração representada pelo artesanato especial dos ceramistas. Está em nós descobrir qual será o nosso motivo. Ele não vem de fora. Procuremos descobrir o que, ao lado da globalização que nos faz membros de um planeta generalizador de problemas, nos possa fazer um lugar em sua especificidade criativa e um povo reconhecido em sua cultura, tradição e identidade.

Dóli de Castro Ferreira

Piquete apresentou taxa de crescimento de 0,3%, a menor do Vale do Paraíba paulista registrada entre 1996 e 2000. Vocacionada para o turismo, busca soluções para seu futuro desenvolvimento.

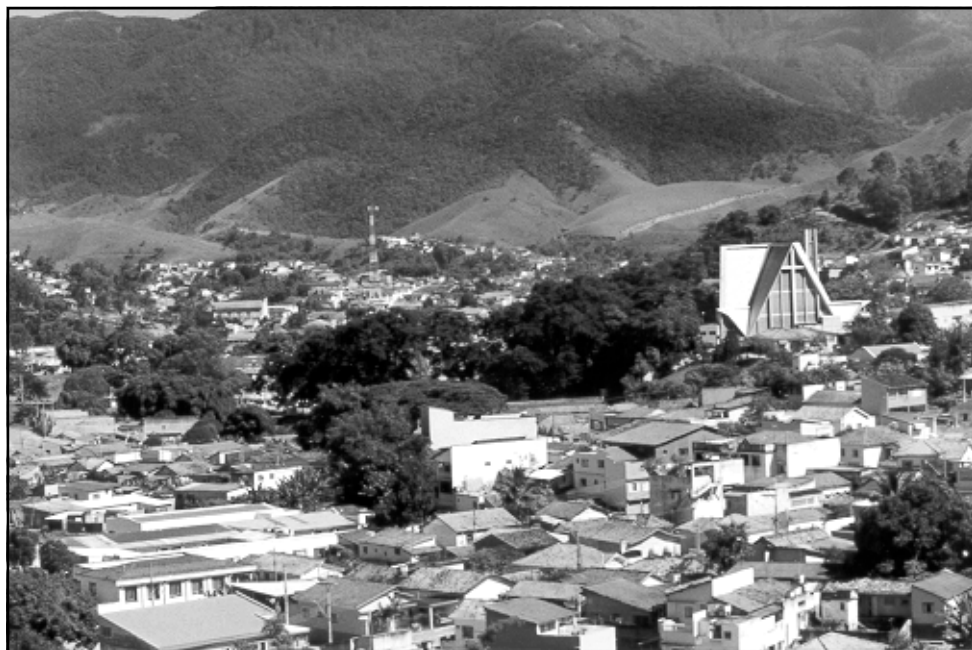


Foto Francis Beckmann

Há 80 anos a Semana de Arte Moderna de São Paulo

Comemoram-se neste mês os 80 anos da Semana de Arte Moderna de São Paulo, marco do Modernismo brasileiro, que se realizou no Teatro Municipal, entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, compreendendo uma exposição de artes plásticas, no saguão do teatro, aberta diariamente, e três sessões líteromusicais noturnas, três “festivais” nos dias 13, 15 e 17.

Seus objetivos eram a derrubada de todos os cânones que até então legitimavam entre nós a criação artística, o direito permanente à pesquisa estética, a atualização da inteligência artística brasileira e a estabilização de uma consciência criadora nacional. Alinhou nossa produção às vanguardas européias (o Cubismo, o Futurismo e o Primitivismo) e buscou na manifestação artística a revelação de uma identidade. Criou, assim, o Modernismo brasileiro com as cores e paisagens locais.

Participaram da Semana os escritores Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Renato de Almeida, Afonso Schimitt, Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida e Plínio Salgado; os músicos Villa-Lobos, Guiomar Novaes, Otávio Pinto, Paulina de Ambrósio, Ernani Braga e Alfredo Gomes; os artistas plásticos Vítor Brecheret, Leão Veloso, W. Haeberg, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Osvald Goeldi, Regina Graz, John Graz e Castello, Zina Aita, Martins Ribeiro, J. de Almeida Prado, Ferrignac, Vicente Rego Monteiro; os arquitetos Antônio Moya e Georg Przyrembel.

Na abertura, dia 13, Graça Aranha proferiu a conferência “A Emoção Estética da Arte”, na qual elogiou os trabalhos expostos, investiu contra o academismo, criticou a Academia Brasileira de Letras e proclamou os artistas da Semana como personagens atuantes na “libertação da arte”. Em seu discurso disse: “Para muitos de vós a curiosa e sugestiva exposição que gloriosamente inauguramos hoje é uma

aglomeração de ‘horrores’. Aquele Gênio supliciado, aquele homem amarelo, aquele carnaval alucinante, aquela paisagem invertida, se não são jogos da fantasia de artistas zombeiros, são seguramente desvairadas interpretações da natureza e da vida. Não está terminado o vosso



Capa do programa da Semana de Arte Moderna de fevereiro de 1922, por Di Cavalcanti.

espanto. Outros horrores vos esperam. Daqui a pouco, juntando-se a essa coleção de disparates, uma poesia liberta, uma música extravagante, mas transcendente, virão revoltar aqueles que reagem movidos pelas forças do Passado.” Graça Aranha não chegou a causar espanto, ao contrário da música de Ernani Braga, que fazia uma crítica a Chopin, o que levaria a pianista Guiomar Novaes a protestar publicamente contra os organizadores da Semana. A noite prosseguiu com a conferência “A pintura e

a escultura moderna do Brasil”, de Ronald Carvalho, três solos de piano de Ernani Braga e três danças africanas de Villa-Lobos.

O dia 15 anunciava como grande atração a pianista Guiomar Novaes, que, apesar do protesto, compareceu e se apresentou. Mário de Andrade fez uma palestra intitulada “A escrava que não é Isaura”, em que se referia ao “belo horrível” e evocava a necessidade do abrasileiramento da língua e da volta ao nativismo. Houve também conferência de Menotti del Picchia sobre arte e estética, ilustrada com a leitura de textos de Oswald de Andrade e Plínio Salgado. O público manifestou-se com miados e latidos. Porém, a grande atração foi quando Ronald Carvalho leu “Os Sapos”, de Manuel Bandeira, numa crítica aberta ao modelo parnasiano. O público fez coro, ironizando o refrão “Foi! Não Foi! Foi!”.

Na noite seguinte, dia 17, as reações hostis não pouparam sequer Villa-Lobos, que se apresentou de casaca e chinelos; o público interpretou a atitude como futurista e vaiou. Mais tarde, o maestro explicaria que não se tratava de futurismo e sim de um calo arruinado...

Houve grande repercussão da Semana na imprensa. Um conceituado jornal de época estampou: “O público ficou chocado diante da nova música tocada na Semana, como diante dos quadros expostos e dos poemas sem rimas... Sons sucessivos, sem nexos, estão fora da arte musical: são ruídos, estrondos que nesta semana conseguiram desopilar os nervos do público paulista, que raramente ri à bandeira despregada.”

Ainda em 1922 é lançada a revista “Klaxon”, porta-voz das idéias modernistas, herdeiras da Semana de 22.

Em meio à vaia e à revolta da elite que compareceu ao tumultuado evento, a Semana de 22 mudou definitivamente a história das artes brasileiras.

“Mário de Andrade”, por Tarsila do Amaral. Óleo sobre tela, 1922.



“A Estudante Russa”, por Anita Malfatti. Óleo sobre tela, cerca de 1917. Acervo do MASP.



“O Japonês”, por Anita Malfatti. Óleo sobre tela, 1917.



Crônicas Pitorescas

A mancha escarlate

Palmyro Masiero

Em estilo euclidiano, poderíamos dizer que “o estudante é, antes de tudo, um irreverente”. Este irreverente equivalendo a espirituoso. Quando apelidam um colega ou um professor, podem ter a certeza de que a alcunha cola mais que viúva assanhada ante partido de primeira e à disposição. O novo batismo corre de turma para turma, especialmente em se tratando de professor, e o cognome passa a ser a forma como é identificado entre o alunado.

Em determinada faculdade de engenharia havia um mestre barra-pesada. Com ele não tinha cara bonita ou feia, choringos ou lamentações, justificativas ou promessas. Acertou, acertou. Não, a caneta vermelha deslizava solta, sem dó nem piedade, na prova do futuro engenheiro.

Quando das provas, esse mestre circulava entre as carteiras, altivo e com o pescoço giratório conseguindo abranger até 360° de ângulo visual, dentre de seu guarda-pó branco, imaculadamente bem passado, sempre com duas esferográficas no bolso de cima: uma preta e a temida vermelha. Braços cruzados, passeava entre as cabeças ferventes dos discípulos de cenhos carregados e mentes concentradas em determinadas fórmulas, estas mais parecidas com certos quadros de Mondrian. Cola, objeto concreto de quem não passou pela escola em brancas nuvens, só por telepatia.

Desnecessário dizer que era super “querido” por todos. Até os famosos “CDFs” ficavam pusilânimes ao enfrentarem algum exercício dado por ele. Entretanto, em uma coisa concordavam por unanimidade: a consciência profissional, o conhecimento da matéria, a segurança na didática clara, precisa e explícita do professor. Agora, outra concordância genérica: em lugar do coração, diziam, havia uma pinha pontiaguda de todos os lados, ou um pedaço de quartzo, translúcido, mas de arestas cortantes e

extremidades de agulhas. E, de uma outra consideração, a temperatura do seu órgão batedor estava sempre abaixo de zero.

Quando, muito raramente, dava alguma justificativa pelo vermelho em alguma prova ou exercício para certo aluno mais valente, que se considerava injustiçado por ter desenvolvido a questão quase inteira e somente ter errado no finalzinho, friamente dizia:

– Uma estrutura não segura nada no meio certo!

Assim era. Vai que um dia aconteceu um desastre com o austero mestre. Talvez resultante de um poderoso mau-olhado de aluno contra o material riscante de sua prova. Sua caneta vermelha estourou no bolso do níveo guarda-pó e aquela enorme mancha encarnada estampada no peito do homem dava impressão de que fora alvejado por um tiro, bem no coração. Com arma munida de silenciador, pois não se ouviu nenhum estampido.

Imediatamente ele despiu o avental e jogou, sobre a tinta, pó de giz para secar e sugar o líquido da fazenda. Na sala houve risinhos que ele fingiu não ouvir ou não ouviu mesmo. Continuou a expor a matéria, de terno. Passou-lhe despercebido o comentário de um espirituoso e irreverente aluno lá dos de trás, que se encarregou de ir passando para frente até atingir a classe toda. Eis o cochicho:

– A caneta do coroa está menstruada!

Gargalharam todos... em pensamento. Fisionomias tesas para segurar risos. A partir daí foi encontrado o fio da meada da vingança. Muitas turmas já se formaram, tomaram seus rumos. Mas o velho mestre continua lá, ainda hoje. Os recentes alunos, provavelmente sem a menor idéia da razão do epíteto, quando perguntam de quem é a próxima aula e se coincide ser a do apelidado, dão logo a resposta:

– A do professor “daqueles dias”.

Carta de São Paulo em janeiro de 2002

Em fins de janeiro de 2002, tempo das quaresmeiras em flor

Caríssimo amigo,

A turbulência dos tempos atuais e a carga explosiva dos contatos tornam quase imperceptíveis os símbolos da amizade cultivada no respeito mútuo.

Sei das suas angústias, porque também são minhas. Tivemos os mesmos paradigmas e pautamos os caminhos nas mesmas linhas orientativas. Buscamos os mesmos horizontes, que sabemos vislumbrar quer nas curvas sombreadas, quer nas retas tediosas ou nos espinheiros intermediados às rosas. Das rosas, sejam elas singelas, ao seu melhor sabor. Se forem exuberantes, nos deixam estarrecidos; mas singelas, despertam-nos o elo universal. Reencontramo-nos em nossas origens. Assim somos.

As ruas agitadas desta capital são de uma dinâmica incrível. Aqui, anônimos, reconhecemo-nos como fluxos de movimentos, rostos sem faces, a não ser que a perspicácia atue como câmara fotográfica e registre instantâneos seletivos. Treinados no olhar, conseguimos ora fixar instantâneos, ora ângulos, ora detalhes. Os vidros das vitrinas, em casos especiais, nos atraem.

Uma pedra enorme, bem talhada, bem burilada, destacou-se para mim, numa joalheria. Andava eu apressada, mas ela impôs-se ao meu olhar. Uma água-marinha de beleza inconfundível e de uma azul inimitável. Pura, límpida. Tão linda, que parecia inatural! Entretanto, olhei-a como natural.

Tive uma imensa vontade de oferecer-lhe. Não o posso fazer, na realidade: primeiro porque seria, para você, matéria a proteger como bem, embora móvel, com todos os riscos inerentes; creio que não a converteria em valor contável; seria, quem sabe, uma relíquia. Segundo, porque provavelmente estaria fora de minha capacidade adquiri-la. Não parei para fixá-la, nem nada dela indagar.

Fiquei pensando em mil possibilidades enquanto caminhava pela tarde quente ao lado de pessoas inquietas, inseguras, cheias de preocupação, destituídas de qualquer compassividade.

A pedra azul, bem burilada, ficou na minha retina como farol, no qual lhe reconheço, pela dignidade e esperança. Digna, ela em você, e você nela, incrustados como reflexivos e únicos entre si. Talvez seja por isso que, pensando na pequena durabilidade da vida em cada um, seja a beleza da pedra imorredoura, um motivo fundamental, a partir do que ela representa, pela sólida formação no fogo e no gelo, através dos milênios. Imponderável e irrepetível. Entre mim, você e a pedra existe um elo, em nome do qual escrevo-lhe afetivamente, esta mensagem. Como pó de estrelas precipitadas, seremos, pela fé, minérios de eternidade. E que, por tudo isso, vale a pena viver.

Com fraternidade e emoção, cumprimenta-o a

Dóli de Castro Ferreira

Desencanto

EU FAÇO VERSOS como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente,
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.
– Eu faço versos como quem morre.

Manuel Bandeira

A transação

O fazendeiro criara filhos
Escravos escravas
Nos terreiros de pitangas e jabuticabas
Mas um dia trocou
O ouro da carne preta e musculosa
As gabirobas e os coqueiros
Os monjolos e os bois
Por terras imaginárias
Onde nasceria a lavoura verde do café

Oswald de Andrade

Violência. Até quando?

Celso Colombo

Infelizmente somos forçados a abordar a palavra mais pronunciada e escrita nos dias de hoje: violência. Se dermos uma olhadela nos mais diversos meios de comunicação, identificaremos violência nas famílias, escolas, TV e na globalizada Internet, na política, nos campos de futebol, na área rural. Enfim, violência em quase toda atividade nacional. É devido a toda essa violência que está matando centenas de pessoas diariamente que se pede paz. Será que o assassinato praticado por Caim contra Abel, nos primórdios da humanidade, produziu um gene que se alojou no código genético da espécie humana? Não acreditamos que o relato bíblico desse assassinato explique ou justifique a violência que há muito tempo se espalhou por toda a Terra. Os especialistas encontram justificativas para o crescimento exacerbado da violência nas mudanças políticas, na desordem econômica, na enorme globalização, na desestruturação da família, na má distribuição de renda, na fome e na miséria. Passeatas vestidas de branco e a soltura de pombas brancas invadem ruas, avenidas e praça. A emoção efêmera alcança patamares de histeria e todos pedem o fim da violência e clamam de forma desesperada pela paz.

Mas, afinal, quem faz a paz ou a guerra? Historicamente, nações ricas e poderosas impõem violência econômica, política, militar, social e cultural por razões, entre outras, territoriais, étnicas e religiosas. E essas nações são comandadas por pessoas que, em nome de uma soberania ou ameaça à vida de seus cidadãos, matam e exterminam seus semelhantes. Assim é a história da humanidade que, em busca da paz, pratica a guerra. E para que todo esse conjunto de violência seja interrompido é necessário que a espécie humana inicie, de forma urgente, o processo de Ser, abandonando o processo de Ter. O Ter é sinônimo de egoísmo, vaidade, ciúme, poder e inveja, enquanto o Ser significa respeito e amor ao próximo. Quando a humanidade privilegiar o Ser, a paz reinará no mundo. Difícil é projetar esse “quando”, face à complexidade que envolve a evolução humana. Acreditamos que somente a ocorrência de uma catástrofe de dimensão planetária obrigará homens e mulheres a serem fraternos e solidários e, por consequência, a encontrar o verdadeiro sentido da palavra paz. Até lá, conviveremos com a violência sob qualquer forma, tendo como pano de fundo a mágica palavra paz.



Paredes pichadas da Estação Ferroviária Rodrigues Alves: retrato do descaso e do abandono.

Pichação é crime

O desrespeito e a falta de educação para com o patrimônio público em nossa cidade têm levado alguns jovens a pichar paredes e muros, deixando feia a paisagem urbana, causando má impressão e dando aspecto de abandono.

Como se não bastassem outros tantos problemas ambientais que aguardam por solução da parte de nossos governantes, surgem agora vândalos que têm emporcalhado a cidade. Pichar é crime previsto na Lei Ambiental, com penas de multa e detenção de três meses a um ano.

A pichação é um fenômeno mundial que as grandes cidades têm combatido com campanhas educativas e vigilância por parte da população, além do cumprimento das leis, com punições que

buscam coibir essa prática. É preciso que o assunto comece a ser discutido com a sociedade, principalmente com os alunos das escolas do Município, pois a população vislumbra o turismo como alternativa para geração de emprego, renda e desenvolvimento de Piquete.

O grau de civilidade da população de uma cidade pode ser aferido pela preservação de sua paisagem e a relação direta entre os moradores e o meio ambiente. Casas e edifícios mal cuidados são um convite para a ação de pichadores. Nenhum turista retorna a uma cidade que mantém ruas sujas e muros e paredes pichados. Pichar é um desrespeito à cidadania. Todos devemos ficar atentos e denunciar esses atos.

Sexagenária, eu?

Pior que sim, e há mais de ano!

O tempo, senhor de tudo, engoliu minha vida sem que eu me apercebesse. Ainda ontem a menina loira e gordinha ia com o avô português, de trenzinho puxado pela maria-fumaça que ora enfeita a “Estação das Flores”, à Lorena, receber o salário a que ele fizera jus após 35 anos de serviço na Fábrica Presidente Vargas.

Já no ginásio, nos feriados cívicos, juntamente com Eneida, Esmênia, Mazilda, minhas colegas de infância, participávamos da ginástica rítmica no Campo do Estrela, sob o comando do Prof. Mazza, os olhares atentos de Eunice Armando e Maria Rosa. O último exercício terminava com o último acorde da música do disco já meio arranhado, arrancando aplausos da platéia.

Em 1955, quando entrei para a Escola Normal, nascia meu irmão caçula José Carlos, hoje um avô respeitável. À noite, dávamos voltas na “pracinha”, ao som do alto-falante que tocava boleros de Lucho Gatica, canções de Nelson Gonçalves, Nat King Cole, além de Carlo, Dyana e outras que até hoje nos emocionam.

Formadas professoras, nos casamos, constituindo famílias e nos tornamos comadres, tias, mães, madrinhas e, finalmente, avós. Mas foi somente depois de aposentados que eu e meu marido viemos a conhecer um mundo até então desconhecido para nós: o dos aeroportos, aviões, turbulências etc.

Com netos nascidos em diferentes cidades deste imenso Brasil, o casal caipira conheceu e andou de norte a sul do país.

Mas nem tudo sempre foram flores! Abdicamos da presença dos entes queridos em aniversários, dias das mães e dos pais, natais e reveillons. Tudo em razão da distância. Demos asas aos nossos filhos e para que elas não se tornem tão fortes ao ponto de arrancar suas raízes que aqui estão plantadas, estamos sempre atrás deles por meio de jornais locais, telefonemas, cartas, fotos, ou fisicamente, enquanto formos privilegiados por Deus, que nos concede saúde e meios para que assim o façamos.

Suely B. Vilar Torino

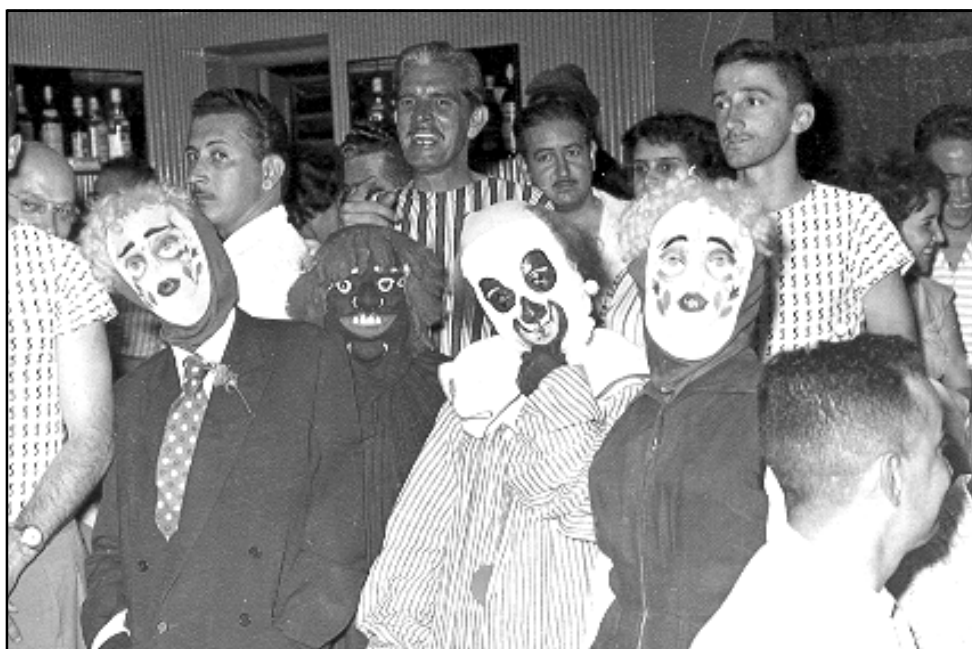


Foto arquivo Pro-Memória

Bloco de sujos, tradição do Carnaval piquetense, no Grêmio General Carneiro, nos anos 60.

Anotando

Fevereiro é tempo de Carnaval, festa da carne em manifestação de prazer, antecipando a quaresma, limitativa dos gozos e anunciadora da Páscoa redentora.

Na tradição, a festa carnavalesca é a referência das igualdades, o rompimento das hierarquias e dos estamentos. Não é sem motivos que, para os preocupados em resguardar significações em suas pessoas, escondem-se em máscaras ou travestem-se.

Mas essa festa também é representativa da memória social enquanto reproduz nos tempos e nos modos aquilo que nos foi transmitido pelo caldo de cultura das origens mediterrâneas européias, africanas e indígenas. Aqui, fala-se do Carnaval das ruas, das famílias, das figuras simbólicas e dos repertórios que, representativos das comemorações desde os tempos pagãos, ritualizaram os atos, os gestos e os sons.

Como válvula psico-social, é festa popular por excelência, e como tal, representa o que há de mais imediato nas relações humanas.

Nas ruas da cidade é bom que os meninos se empolguem com os “bois” e os nomeiem pelo que existe de mais patológico ou ridículo. Assim, imita-se a

vida e criticam-se os processos da mais radical assimilação.

Não estamos falando da espetacularização, cujo tempo da TV é produto comercial, e a cultura, embora contemplada, projeta nas figuras de destaque uma excrescência que só faz sentido aos fins promocionais.

Enfatizamos a festa das ruas na tradição dos improvisos, sem a preocupação meramente fugaz do espetáculo de consumo e digestão rápidos. Não é dos destaques que a cultura se alimenta no permanente, mas do empenho no prazer mais simples, provocativo, e até mesmo aberrante. Tudo, para um momento em que o humano se retrata, jocosamente, no que possui de trágico e risível, ao mesmo tempo em esgar, sorriso e complacência.

Por que uma sociedade tão desigual, sofrida e carente se expande tão fogosamente no tríduo carnavalesco? Por que, de maneira tão declaradamente aberta, procura-se nas ruas, abrir as resistências às exceções?

A festa, na sua representação popular, responde com força, alegria e chacota. E, viva o Zé-Pereira! E mais as “mulinhas” da abertura do cortejo!

Notas da Cidade

□ O Carnaval de 2002, intitulado o “Carnaval da Paz”, contou com vários blocos que animaram o público que assistiu ao desfile na Praça Duque de Caxias.

Além das escolas “**Império do Brás**”, “**Unidos da Vila São José**” e “**Unidos da Vila Cristiana**”, voltou à avenida este ano o “**Bloco da Folia**”, tradicional grupo que havia muito não participava do carnaval piquetense. O desfile contou também com os blocos “**Equipingão**” e “**Bloco do Pedro do Som**”.

Os sambas-enredo das escolas, quase todos pedindo paz, animaram o público, que cantava junto durante a evolução.

Durante o dia, matinês animaram adultos e crianças e, na Praça Duque de

Caxias, um caminhão-pipa refrescava o calor dos mais animados.

Não houve concurso para eleição da melhor escola e melhor bloco. Todos foram premiados, na terça feira, com troféus e cartões de prata. Foi homenageado, também, o casal Walter e Ditinha “Redstar”, por 40 anos de presença e dedicação ao carnaval piquetense. Exemplos de animação, desfilaram em duas escolas, sempre com simpatia e beleza. Parabéns!

Presença marcante do carnaval foi a família real “momesca”: o Rei Momo, sua rainha e as princesas colaboraram para o brilho dos desfiles, recebendo as escolas e blocos na entrada da avenida.

Por uma terra sem males

D. Eduardo Benes de Sales Rodrigues
Bispo Diocesano de Lorena

A “Terra sem Males” era o grande sonho dos indígenas quando migravam em busca de dias melhores. É que habitava também em suas almas a esperança de uma terra prometida onde leite e mel correriam soltos e abundantes como límpidos riachos. Neles sempre morou o sonho que povoou a alma do profeta Isaías: um mundo sem os males da destruição, com abundância de alimentos e feito de homens e mulheres reconciliados (Is. 11,6-9; 25, 6-8). Um mundo assim é possível. Basta uma coisa: “Convertei-vos e crede no evangelho” (Mc. 1,15). É preciso transformar em cinzas as estruturas de pecado que nos moram por dentro e que se mostram cruéis nos sofrimentos que nós, humanos – ou desumanos! – nos impomos uns aos outros. Quem nos livrará dessa força avassaladora do pecado que transforma nossos anseios de paz em gritos de guerra? A quaresma nos aponta o caminho. Jesus é o caminho. É tempo de conversão. É preciso seguir o caminho. Este é o sentido da quaresma. Se queremos a vida, aprendamos a morrer com Cristo. Oração, jejum e generosa partilha de bens – esmola –, haverão de sustentar nosso esforço de conversão. Vivamos esta quaresma ligados de coração com todos que aspiram e lutam por um mundo diferente e sejamos nós mesmos, pela força do Espírito de Jesus, protagonistas de uma Terra sem Males.

Membros da Fundação Florestal em Piquete

A Fundação Christiano Rosa recebeu, no dia 29 de janeiro, a visita de membros da Fundação Florestal, órgão da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, que vieram a Piquete conhecer o fragmento de Mata Atlântica da IMBEL/FPV. Estiveram presente Oswaldo Bruno, engenheiro agrônomo, os biólogos Fausto Pires Campos, Diretor de Operações da Fundação Florestal, Lélia Marino e Cristiane Leonel e a geógrafa Sílvia Jordão.

Constatarem a riqueza de nossa reserva e voltaram impressionados com o que viram, reafirmando a necessidade de regulamentação e criação de uma unidade de conservação para preservá-la.

Foram recebidos pelo presidente da Imbel, Gen. Armando Luiz Malan de Paiva Chaves e pelo Superintendente da FPV, Cel. Wagner Carini, que se mostraram receptivos com a visita técnica. Retornaram com o compromisso de estudar e propor ações que irão definir o tipo dessa unidade e a forma de implementá-la.